

DUAS REALIDADES

SACRIFÍCIO PARA ESTUDAR

Ullisses Campbell

Da equipe do **Correio**

O caminho que separa a escola da casa de Wanderson, 10 anos; Welane, 6; Jucimar, 12; e Gislene, 9, é longo. Eles acordam às sete da manhã. Às nove e meia já estão almoçando. Às dez, começam a caminhada de duas horas, que termina num ponto de ônibus na GO-118, em Água Fria de Goiás. Dentro do coletivo, passam mais 40 minutos até chegar à sala de aula. No final do dia, os meninos passaram mais tempo se deslocando de casa para escola e vice-versa do que assistindo às aulas.

Em 2002, o **Correio** denunciou o esforço que esses mesmos garotos fazem para ter educação. Com a volta às aulas, nada mudou. Na verdade, o perigo aumentou. O Rio das Barreiras, que era estreito, alargou com o período chuvoso. Para facilitar a travessia dos meninos, os camponeiros improvisaram uma ponte de um único tronco. No lugar do corrimão, dois fios de arame.

Os garotos moram no Assen-

Jefferson Rudy



GAROTOS DA ÁREA RURAL DE GOIÁS PASSAM POR RIO, MATA, CERCA, SERRA E PENHASCO PARA CHEGAR AO COLÉGIO

tamento Santo Antônio das Brancas e estudam na Escola de Ensino Fundamental Fazenda Libório. De casa até o rio, eles caminham por uma plantação de arroz e um pasto que tem até boi brabo. "Tem um vermelho que corre atrás da gente", conta Wanderson.

A mãe de Wanderson e Welane, Rosa Alves Caetano, 34, fica aflita quando seus filhos saem para a escola. "Outro dia uma

menina caiu no rio e desde aí fiquei apavorada." Além do rio, uma mata fechada, uma cerca de arame farpado e um morro íngreme são outros obstáculos enfrentados pelos estudantes.

Nos dias de chuva, o caminho vira um calvário. Mas o maior desafio está na última etapa da caminhada. Para chegar à margem da GO-118, onde pegam o ônibus, eles enfrentam uma serra. A subida é

suave, mas a caminhada acaba num penhasco. Para descer e chegar à rodovia, eles andam por uma estrada estreita demais. Todos usam as mãos para descer o mais devagar possível. Muitas vezes, o percurso é feito sob pressão porque o ônibus já está lá embaixo à espera deles. "As vezes espero até meia hora eles descerem a serra", diz o motorista do ônibus, Hélio Vale de Souza.

ESCOLA DE CARA NOVA

Marcelo Rocha

Da equipe do **Correio**

Eles não precisaram andar horas pelo mato para chegar à sala de aula. Também não passaram pela decepção de ficar sem professor. Ao contrário, os alunos do Centro de Ensino Fundamental nº 1 do Núcleo Bandeirante tiveram uma agradável surpresa no primeiro dia letivo. Encontraram uma escola novinha. Durante o período de férias, o prédio passou por reformas. A recauchutagem das paredes, que ganharam pintura nova, a limpeza das áreas externas e os reparos na rede hidráulica foram elogiadas por todos. "Dá gosto ver a escola mais arrumada", disse Luiz Augusto Evangelista da Silva, 16 anos, da 8ª série.

Tawane Araújo Alves, 15, lembrou que a escola estava "feia" por causa das pichações e do mato alto. "Assim, é também mais seguro", reforçou a estudante da 8ª série. A dona-de-casa Vânia Félix de Oliveira, 32, mãe de aluno da 5ª sé-

Kleber Lima



ALUNOS DO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 1 DO NÚCLEO BANDEIRANTE ENCONTRARAM A ESCOLA REFORMADA

rie, preferiu fazer cobranças. "Não adianta a maquiagem, se continuar faltando conteúdo e professor em sala de aula", reclamou.

Pelo menos nesse primeiro dia de volta às aulas, a diretora da escola, Mércia Aparecida

de Souza, não teve dificuldades para administrar o problema da falta de professores enfrentada por outras unidades da rede pública de ensino. "Nosso quadro docente está fechado", garantiu.

Pouco mais de mil alunos de

5ª a 8ª séries estudam no Centro de Ensino nº 1, dos quais metade pela manhã. A freqüência ontem foi menor que em dias normais, mas dentro do esperado. Segundo a direção da escola, a freqüência só deve ficar completa depois do carnaval.